

“Morreu NANCY BARBATO SINATRA”

José Raimundo Gomes da Cruz
Procurador de Justiça der São Paulo aposentado

“The steadying force behind the Voice”
 (“A força firme por trás da Voz”)
 (Recorte sem data, da TIME,
 segundo o Google, consultado em
 5/10/19)

Não sei como a cópia sem a fonte e sua data chegou ao meu poder, nem sua origem.

Logo, diante de foto do casal Sinatra, em noitada no Mocambo em Hollywood, em 11/1/1949, serviu para recordações da época. Terminado o curso primário em dezembro de 1948, no Grupo Escolar Comendador Viana, de Espinosa, onde eu residia com meus pais e cinco irmãos espinosenses – o sexto só nasceria dez anos mais tarde já em Belo Horizonte – começavam outros hábitos, com destaque para tantos cinemas e algumas revistas dedicadas à chamada sétima arte. A foto do casal lembra tantas divulgadas pela Cinelândia, Fatos e Fotos, O Cruzeiro e Manchete.

Abigail Abrams assina o breve texto citado em epígrafe: “Quando Nancy Barbato primeiro encontrou Frank Sinatra em Long Branch, N. J., no verão de 1934, eles eram simplesmente dois adolescentes das classes trabalhadoras italianas-americanas que se apaixonaram. Mas logo após seu casamento em 1939, a carreira dele explodiu, trazendo com isso vida de viagens frequentes, fama intensa e hordas de admiradores fanáticos. Seu casamento não durou, mas a lealdade dela sim. Embora ela desse poucas entrevistas e permanecesse pessoa de grande recato, ela se tornou símbolo de como a vida cotidiana pode ocultar-se atrás da fama – e do preço que esta pode pagar por aquela.” Interrompo a citação para observar que algumas ex-esposas de famosos guardam a maior privacidade, ao ponto de não divulgarem seus próprios endereços.

Retornando ao texto sobre Nancy Barbato Sinatra, esta, “que morreu em 13/7” de 2018, “com 101 anos, permaneceu amiga confiável e fonte tranquila de estabilidade para Frank mesmo após o fim do seu casamento em 1951. Embora ela fosse atingida pelos avanços dele sobre estrelas glamorosas e o apressado casamento dele com Ava Gardner apenas dias depois do seu divórcio, Nancy, que jamais voltou a casar-se, era publicamente elogiada por aguentar a indignidade com graça. Ela tinha cuidado de Frank desde o começo, cerzindo suas gravatas, fazendo espaguete do jeito que ele preferia e cuidando dos seus três filhos – Nancy, Frank Jr. e Tina – enquanto ele se divertia em sua vida de Hollywood. Ela continuou confortando-o, cozinhando para ele, até a morte dele em 1998. Com sua firme presença, ela foi assim parte duradoura da história de Sinatra, não menos importante por permanecer atrás das cenas.”

No Google, há referência aos netos do casal Sinatra. Limito-me àquilo que consta da notícia que procurei traduzir, sem esconder a admiração que sinto pela descendente de família de classe operária italiana-norte-americana, que viveu mais de um século – Nancy Barbato Sinatra.

